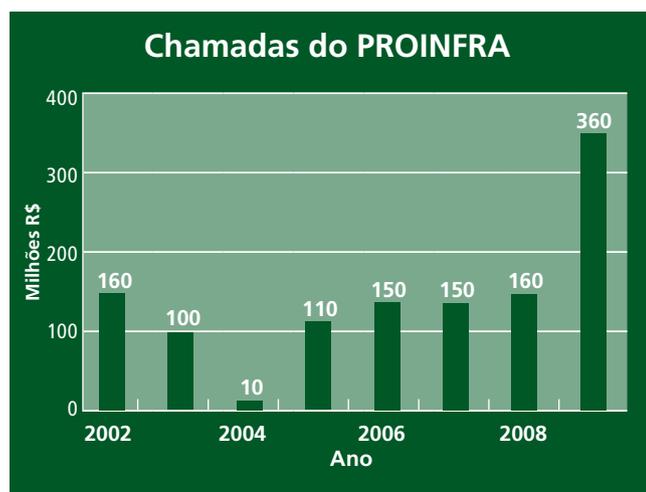


Proinfra investe mais de R\$ 1,5 bilhão em infraestrutura universitária

Neste ano, o Programa de Infraestrutura da FINEP (Proinfra) comemora o 9º aniversário – e a idade é o único número de um só dígito do programa. De acordo com estimativas da Superintendência da Área de Universidades, até o fim de 2009, terão sido investidos R\$ 1,58 bilhão na ampliação e modernização da infraestrutura em instituições públicas de pesquisa. A crise financeira internacional não interferiu no orçamento do programa, que teve um aumento expressivo na chamada de 2008. Serão destinados R\$ 360 milhões – contra uma média de R\$ 150 milhões dos últimos três anos.



Trata-se de um financiamento sem precedentes que guarda estreita semelhança com a iniciativa do presidente norte-americano Barack Obama, que também dobrou os recursos para o National Science Foundation, a agência americana que promove o progresso da ciência. Nas palavras de Obama, “cientistas precisam estar focados na



Foto: SXC.HU

Infraestrutura universitária vai receber R\$ 1,58 bilhão até 2009

próxima grande descoberta, que vai gerar empregos nas áreas de tecnologia de ponta”. O superintendente da Área de Universidades da FINEP, Ricardo Gattass, concorda e vai além: “Um país só resolve seus problemas sendo moderno e competitivo no cenário internacional e isso só é possível se a ciência e tecnologia forem fortes e desenvolvidas”.

Dos 160 clientes do Proinfra, 120 são faculdades públicas. “Tradicionalmente, a produção de conhecimento científico e tecnológico no Brasil está vinculada aos cursos de pós-graduação”, explica o superintendente. Até hoje foram sete chamadas que financiaram 647 projetos de universidades, Cefets e institutos vinculados ao Ministério da Ciência e Tecnologia, Ministério da Saúde e Ministério da Agricultura. Em outras palavras, todas as instituições públicas de pesquisa no Brasil já foram atendidas pelo Proinfra.

Mas em todas as edições do programa a demanda de investimentos superou a disponibilidade de recursos em pelo menos três vezes. Com o aumento expressivo da chamada de 2008 (que se encerra em 2009), estima-se que a demanda seja de R\$ 540 milhões, apenas um terço a mais do que os recursos disponíveis.

Chamadas públicas

A última chamada pública do Proinfra foi encerrada agora em março. As instituições tiveram cerca de quatro meses para desenvolver suas propostas e o resultado vai estar disponível no site da FINEP a partir de junho. Já a chamada dos Novos Campi fica aberta até 14 de maio, e dispõe R\$ 60 milhões em recursos não-reembolsáveis do fundo de infraestrutura. Esta chamada é específica para as novas universidades federais (criadas a partir de 2002) e para as que têm campi fora do município. As propostas selecionadas serão divulgadas em 24 de julho. Cada instituição pode pedir até R\$ 2,5 milhões para o seu projeto.

Em pouco menos de uma década, o Proinfra já transformou a realidade de pesquisa universitária no

O que é considerado positivo na seleção dos projetos

- Instituição vinculada a uma pós-graduação com bom conceito da Capes;
- Projeto com caráter inovador e que atenda a vários usuários e disciplinas;
- Equipes qualificadas, com competência científica;
- Projeto passível de execução em até 36 meses e condizente com o planejamento estratégico da instituição.

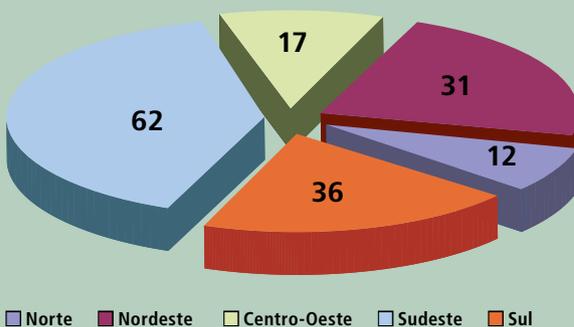
Brasil. Na criação dos fundos setoriais, ficou estipulado que 30% dos recursos seriam direcionados a projetos de instituições do Norte, Nordeste e Centro-Oeste - regiões com participação pequena na produção de ciência e tecnologia. Hoje, essa dinâmica ocorre naturalmente, sem haver a necessidade de selecionar as propostas de forma diferenciada. Em 2007, por exemplo, foram aprovadas 158, sendo 65 oriundas dessas três regiões, totalizando uma demanda de 40% dos recursos da chamada.

A Área de Universidades quer continuar transformando – e corrigindo – o cenário científico no Brasil. Um dado que vem preocupando a superintendência é o número de profissionais especializados da área. Desde 1975, o País formou 115.000 doutores. Nos Estados Unidos, esse número chega a um milhão; na China, gira em torno de 600 mil. Dos cientistas brasileiros, 60% atuam na área de

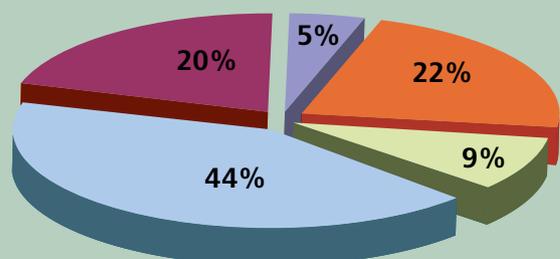
PROINFRA

01/2007

PROPOSTAS APRESENTADAS



DEMANDA DE RECURSOS



pesquisa científica ou tecnológica, e o restante em universidades. “O docente precisa ter experiência de pesquisa para ensinar. Do contrário, ficará repetindo os conceitos como um papagaio. Precisamos de mais doutores cada vez mais qualificados”, diz Gattass.

Diferencial

O Proinfra é diferente dos outros programas de fomento científico que existem no País. O CNPq, por exemplo, também vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, concede bolsas individuais para o cientista se manter enquanto desenvolve sua pesquisa. Já a Capes,

ligada ao Ministério da Educação, faz o mesmo com alunos de mestrado e doutorado. A FINEP é a única instituição que investe na construção de laboratórios, financiando obras e aquisição de equipamentos para pesquisa de ponta. O Proinfra não é focado no cientista, mas no desenvolvimento institucional da ciência. E isso pode significar um diferencial competitivo para o Brasil no cenário mundial.

Para Gattass, as universidades devem priorizar a ciência da novidade e o planejamento institucional. “Nós, da FINEP, fazemos o nosso lado de injetar dinheiro na infraestrutura de pesquisa. Já as universidades precisam trabalhar em projetos inovadores e planejar o futuro da ciência dentro daquela instituição”, diz. ■

Parque Tecnológico revitaliza campus da UFRJ



Foto: LabOceano/UFRJ

Maior tanque oceânico do mundo é capaz de reproduzir as condições do fundo do mar

A Ilha do Fundão, onde fica o campus da UFRJ na Zona Norte do Rio de Janeiro, é outro cenário que vem se modificando com os investimentos em ciência e tecnologia. Desde 2003, o Parque Tecnológico promove a interação entre empresas, pesquisadores e estudantes de pós-graduação das áreas de energia, meio ambiente e tecnologia da informação. A grande estrela do Parque é o Laboratório de Tecnologia Oceânica – o LabOceano. Financiado quase em sua totalidade pela FINEP, com recursos do fundo seto-

rial CT-Petro, o maior tanque oceânico do mundo é capaz de reproduzir as condições do fundo do mar. O objetivo é desenvolver pesquisas sobre extração de petróleo em águas profundas – área em que o Brasil é pioneiro. Atualmente, funcionam cinco empresas no Parque. Quatro estão prestes a entrar em atividade e a incubadora, em fase de construção, espera comportar até 50. O campus da Ilha do Fundão possui hoje 200 mestres e doutores e intensa atividade científica.